

Nossas Vozes São Alentos Para Quem? Uma conversa sobre turismo, ignorância e encruzilhadas de gênero e raça

Michel Alves Ferreira
Lindamir Salete Casagrande

Como citar: Como citar: FERREIRA, Michel Alves; CASAGRANDE, Lindamir Salete. Nossas Vozes São Alentos Para Quem? Uma conversa sobre turismo, ignorância e encruzilhadas de gênero e raça. *In*: SILVA, Matheus Estevão Ferreira da; JUNIOR, Wagner Antonio; BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino (org.). **Educação, direitos humanos e diversidade: o currículo em foco.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2025. p.393-413. DOI: <https://doi.org/10.36311/2025.978-65-5954-609-1.p393-413>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

NOSSAS VOZES SÃO ALENTOS PARA QUEM? UMA CONVERSA SOBRE TURISMO, IGNORÂNCIA E ENCRUZILHADAS DE GÊNERO E RAÇA

Michel Alves FERREIRA¹

Lindamir Salete CASAGRANDE²

Com Kaô, Sigo em Frente!³ Começando...

Observar e analisar os conhecimentos e saberes diversos, produzidos por grupos sociais e instituições às quais esses estão vinculados, remete a enxergá-los para além de simplesmente um conjunto de produtos e materializações das sociedades: há ali experiências, vivências, disputas entre grupos, rupturas e aprendizagens concretas, localizadas em um tempo e espaço histórico particulares. Desta afirmação inicial, é possível sustentar a ideia de

¹ Docente do Curso de Bacharelado em Turismo da Faculdade de Ciências Agrárias, Biológicas e Sociais Aplicadas (FABIS) da Universidade do Estado de Mato Grosso “Carlos Alberto Reyes Maldonado” (UNEMAT), Nova Xavantina, MT, Brasil. E-mail: maferreiragi@gmail.com.

² Professora voluntária do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: lindasc2002@gmail.com.

³ O título de cada uma das seções, assim como do nome deste artigo, é inspirado na canção Alento, composta por Gusta Proença e Daniel Montelles, interpretada por este último. Tanto na canção Alento, quanto no EP Imensidão, Daniel Montelles presta reverência aos Orixás, batendo a cabeça às ancestralidades afro que pauta as suas ações/interações cotidianas. Referência completa: Proença, Gusta; Montelles, Daniel. Alento. In: Imensidão. Curitiba: Proeza Mixarte, 2021, faixa 4, EP.

que o conhecimento, assim como a ciência, a técnica e as tecnologias produzidas, está em constante busca de confirmação e/ou ressignificação de paradigmas, dando inclusive outros sentidos interpretativos aos tempos e espaços históricos, desmontando a ideia de uma neutralidade e pureza objetiva⁴.

É possível conectar esta concepção crítica à neutralidade e objetividade dos saberes, especialmente quando se pensa em ciência e tecnologia, às considerações de Milton Santos (1996), ao observar as metamorfoses, tensionamentos e disputas que ocorrem nos diferentes espaços, influenciando a percepção e interação entre os espaços e as paisagens componentes destes, sejam naturais e/ou artificialmente modificadas. Uma vez que todo espaço, de acordo com o autor, é resultado da intervenção humana.

As considerações de Santos (1996) são pertinentes para defender, neste texto, acerca do entendimento do turismo como um fenômeno sócio/cultural e interdisciplinar, para além de indicadores técnicos/econômicos e de uma formação profissional prioritariamente tecnicista, esquecendo a prosa e poesia que decisivamente influenciam percepções das/os viajantes, de quem apresenta os destinos a estes sujeitos que querem fugir e/ou reproduzir sua cotidianidade e, por fim, da própria comunidade.

Não é que se esteja desconsiderando, aqui, a importância da infraestrutura que oferece suporte ao turismo e suas subatividades, assim como seus aspectos econômicos subjacentes que finalmente

⁴ Sempre que um autor ou autora for citado pela primeira vez, será posto seu nome completo. Este é um posicionamento político e teórico dos autores deste texto de visibilizar a contribuição de sujeitos (principalmente de mulheres, na construção do conhecimento acadêmico. Além do questionamento de uma universalidade do modo de escrever e produzir ciência que remete ao imaginário do masculino. Neste sentido, a afirmação desta nota está fundamentada nos trabalhos de Michel Alves Ferreira e Lindamir Salete Casagrande (2020); Michel Alves Ferreira (2022); Andrew Feenberg (1995a; 1995b); João Augusto de Souza Leão de Almeida Bastos (2015).

movimentam o Produto Interno Bruto (PIB) de um país e região, uma vez que o setor de viagens e turismo poderá gerar cerca de dois milhões de empregos no setor em um prazo de dez anos, de acordo com projeções do Conselho Mundial de Viagens e Turismo (WTCC, 2022, Online). Do mesmo modo, é importante registrar que o setor de serviços e, por conseguinte, o turismo, foi um dos mais afetados pela tragédia da Pandemia Covid-19.

No entanto, igualmente é fundamental perfazer os seguintes questionamentos, sobretudo mediante o período pandêmico/pós pandêmico em que o mundo atravessa: que tipo de empregos serão gerados para trabalhadoras e trabalhadores do setor? As vivências de viajantes nos destinos turísticos estão fundamentadas em trocas que valorizam efetivamente as suas diferenças (enquanto pertencentes a determinados grupos sociais), ou reproduzem majoritariamente experiências negativas/violentas vivenciadas por sujeitos em razão de suas características raciais, étnicas, de classe social e suas expressões/identidades de gênero? Como questões de gênero, classe social e raça estão postos nas disciplinas ministradas durante a formação profissional de turismólogas e turismólogos?

Das ponderações e questionamentos iniciais, é delineada a tese central do texto: de que a liberdade para viajar não apenas é delimitada por questões de raça, classe social, gênero e território/ espaços, mas que determina como o próprio fenômeno do turismo pode reproduzir uma ignorância sistêmica frente a estas questões em suas práticas cotidianas. Ao mesmo tempo, práticas do turismo podem servir de instrumento de existências/resistências outras, que obrigam a resignificação e a análise de um turismo *mainstream* excludente, classista, racista e sexista, inclusive quando se é discutido nos espaços de formação profissional/universitária.

Desta tese central se extrai o objetivo: discutir criticamente como se dá (ou não) a liberdade para vivenciar o turismo, especialmente de pessoas negras, a partir de aportes teóricos sobre a ignorância enquanto uma teoria social.

Quanto a organização teórico-metodológica: se trata de um texto, escrito a quatro mãos, de natureza interpretativa, situada, bibliográfica, ensaística e interdisciplinar. Portanto discussões qualitativas, conforme Herivelto Moreira e Luiz Gonzaga Caleffe (2008), comuns em trabalhos das ciências humanas, tramam diálogos que buscam escapar de análises cartesianas, positivistas e estáticas de eventos diversos em uma costura social, que outras construções metodológicas poderiam encontrar mais limites ao dialogar com esses eventos.

Após esta parte introdutória, serão entrelaçados eventos do cotidiano social e/ou pesquisas publicadas no ano de 2021 com o conceito de ignorância defendido no texto e, em seguida, discutir criticamente acerca dessa liberdade (ou não) de viajar. Em seguida, são realizados breves apontamentos acerca de currículos de cursos superiores ativos, em turismo, de universidades públicas das Regiões Sul e Centro-Oeste do Brasil, à época da construção deste texto. O objetivo da apresentação desses apontamentos concerne a demonstrar se existem disciplinas, nos respectivos cursos, que versam sobre ética, direitos humanos, gênero e raça na formação desses/as profissionais.

Como critério de busca dos respectivos cursos e de suas ementas, foi utilizada primeiramente a base nacional de dados oficiais dos cursos superiores, (Portal E-Mec). Esta base Online, dentre outras atribuições previstas em lei, dispõe todos os dados cadastrados das Instituições de Ensino Superior, tais como os atos autorizativos das instituições e de cada curso consultado. Em seguida, com a quantidade de cursos existentes nas regiões selecionadas para a

elaboração deste texto, buscou-se ingressar em cada uma das páginas online dos respectivos cursos superiores em turismo, com a finalidade de verificar as disciplinas e suas ementas. O período de realização deste levantamento, bem como dos apontamentos trazidos para este texto, compreendeu o mês de julho de 2022.

É importante destacar que o texto apresentado neste livro não pretende esgotar as discussões sobre o tema e está sujeito aos seus limites temporais, espaciais e analíticos, podendo inclusive suscitar outras pesquisas mais densas. Portanto este texto é fruto de seu tempo, momento, cruzamentos e movimentos.

E Aqui as Teorias e Práticas Fazem Fluir...

Em postagem de 13 de julho de 2021, em uma rede social de busca de empregos, o ativista negro e colunista de jornal Antonio Isuperio (2021, Online), a partir de um print de uma funcionária, branca, do setor de recursos humanos de uma empresa de engenharia mecânica e industrial, perfaz uma discussão acerca da crença da meritocracia, isonomia e universalidade na cotidianidade das relações sociais brasileiras. Isuperio (2021, Online) se utiliza como exemplo em sua discussão na rede social, ao destacar que embora tivesse toda a qualificação necessária para assumir os postos de trabalho aos quais se candidatava, acabava sendo preterido por outro candidato/a: seja porque seu cabelo não era compatível com o “*dresscode*” da empresa, seja porque era extremamente qualificado para a vaga, mas não ofereciam outra em contrapartida.

O que é, no mínimo curioso de se perceber nas discussões propostas por Isuperio (2021, Online), diz respeito a como a recrutadora de empregados/as da empresa diz que contrata seres humanos a partir de suas competências, independentemente de seus

“itens”. Itens, para a recrutadora, diz respeito a pessoas negras, pessoas de afetividades e sexualidades divergentes da norma imposta, mulheres e pessoas que ela considera gordas. A postagem da recrutadora, para espanto (mas nem tanto), foi curtida e comentada positivamente por inúmeros/as outros/as recrutadores/as, de médias e grandes empresas brasileiras, em sua maioria pessoas brancas.

O caso relatado por Isuperio (2021, Online) pode ser conectado com o texto da professora e pesquisadora Cassiana Gabrielli (2021), ao revelar as disparidades nas relações de trabalho entre homens e mulheres que atuam no turismo, além de uma menor participação delas no consumo das viagens. Para Gabrielli (2021), essas disparidades estão diretamente relacionadas a materialização de estereótipos afetivos, cognitivos e socioculturais que conectam as atividades femininas exercidas no setor do turismo ao cuidado imposto, socialmente às mulheres, na criação do lar e de dependentes e, portanto, com menor valorização, reconhecimento e remuneração dada pelo mercado. Ou seja: que tipo de emprego realmente se está oferecendo?

Consequentemente, para Gabrielli (2021), elas têm dificuldades em viajar mais. Fora as questões relacionadas a violências às quais mulheres viajantes estão expostas, destacado em outro trabalho, este da professora e pesquisadora Adriana Piscitelli (2017). Para Piscitelli (2017) uma cultura estrutural do medo, fundamentada nas violências contra mulheres e da não discussão/aprofundamento de questões de gênero em certos grupos sociais, dificulta que elas possam consumir o turismo, viajar livremente em vários países.

O que as considerações, trazidas brevemente para este texto, de Isuperio (2021, Online), Gabrielli (2021) e Piscitelli (2017), têm em comum? As professoras pesquisadoras e o ativista e colunista de jornal denunciam privilégios estruturais que certos grupos sociais

possuem, mas que o discurso da neutralidade, universalidade e meritocracia mascaram esses privilégios de um grupo perante outro, traduzindo, às vezes, em uma verdadeira cegueira estrutural.

Mais: esta cegueira estrutural, coletiva, acaba sendo positiva e produzida reiteradamente, o que faz com que seja complexo e difícil o seu desmascaramento. Esta cegueira é produzida unicamente com o objetivo de confundir, enganar, levar ao erro, tomar decisões equivocadas, a finalmente estabelecer uma narrativa única de conhecimento e de ignorância, como destacado pelo pesquisador negro Michel Alves Ferreira (2021a, p. 124), ao desenvolver o seu conceito de Àimòtológia⁵ em sua tese de doutoramento, ao analisar a formação de novas/os pesquisadoras/es das engenharias e das ciências humanas de quatro cursos de pós-graduação de duas universidades tecnológicas: uma brasileira e outra colombiana, afirma:

[...] é um estudo da produção cultural de ignorâncias, uma vez que estas fazem parte das vivências humanas cotidianas e, ao mesmo tempo, também podem ser utilizadas para apresentar, manipular e/ou uniformizar determinadas narrativas às sociedades.

Esta cegueira coletiva, a Àimòtológia debatida por Ferreira (2021), pode ser conectada com o que o pesquisador e professor jamaicano Charles Wade Mills (2008) irá chamar, em seu texto, de ignorância branca, ao analisar sociologicamente a questão racial estadunidense e como isso afeta as noções de universalidade e

⁵ A palavra Àimòtológia, colocada para a gira epistemológica na tese de Ferreira (2021), provém da análise dos termos/noções do Iorubá Àimò (que remete ao desconhecido, ao que não se sabe, à ignorância coletiva), a qual dialoga com a noção grega de agnosia e, também, logos, que poderia ser entendido enquanto noções de razão. O capítulo quarto da tese de Ferreira (2021) perfaz toda explicação da criação deste termo, inclusive ao valorizar as ancestralidades negras no debate do conhecimento produzido.

democracia naquele país. Em outras palavras: é o reconhecimento legal dos sujeitos em direitos e deveres e o reconhecimento da noção de igualdade, mas o não reconhecimento histórico dos privilégios estruturais que pessoas brancas tiveram, inclusive com o apoio do sistema formativo cidadão educacional.

Seja na cotidianidade das relações, seja no campo da aplicação do jurídico, seja nas relações de trabalho, ou mesmo pensando aqui, no caso da liberdade em viajar. Ou ainda na invisibilização e/ou do pouco interesse, por grande parte da academia brasileira, em pesquisar temas relacionados a pessoas negras viajantes, debatido no artigo da pesquisadora e professora negra Natália Araújo de Oliveira (2021a). A pesquisadora chega a questionar neste texto: quais são os lugares dos corpos negros no turismo?

Em outro texto, Oliveira (2021b) constatou, em uma pesquisa realizada com estudantes do curso de turismo da Universidade Federal de Pelotas, adjunto a análise dos currículos de todos os demais cursos de turismo operantes no Estado do Rio Grande do Sul, que urge uma discussão sobre ética para além da atuação profissional no setor. Os próprios estudantes, que participaram da pesquisa, relataram dificuldades em diferenciar a ética da moral em suas relações cotidianas, assim como nas relações com instituições presentes na sociedade.

Essas dificuldades, segundo Oliveira (2021), podem decorrer da não abordagem da ética de modo interdisciplinar na formação universitária, como também do pouco interesse do mercado do turismo em discutir ética amplamente. O que, por conseguinte, também pode ser corroborado com o modo neoliberal como a ética foi posta, historicamente, em códigos de atuação profissional, conforme crítica realizada pelo pesquisador e antropólogo hispano estadunidense Quetzil Castañeda (2012). Para este pesquisador, é

fundamental que os códigos de atuação profissional, assim como seus princípios éticos subjacentes, rompam com uma ideia subliminar de proteção dos interesses apenas de quem planeja o turismo, em detrimento das necessidades das comunidades, trabalhadores do setor e os consumidores, maiores interessados e afetados pela atividade.

Se os textos de Oliveira (2021b) e Castañeda (2012) atentam na urgência do olhar para as questões éticas no turismo, é fundamental (e é o que se defende aqui) que esse olhar seja atravessado por gênero e raça. Especialmente no tocante à formação cidadã e acadêmica desses/as profissionais, de modo que a meritocracia e a naturalização dos “itens” na não contratação de pessoas, seja posta efetivamente em debate. E essa cegueira provocada seja, por fim, reveladas as suas perversidades estruturais. Afinal, que pessoa e profissional se está formando?

Por essas razões que, ainda em 2021, denúncias realizadas nos textos de Isuperio (2021, Online) e Gabrielli (2021), e relatadas no começo desta seção, sejam corriqueiras no Brasil. É, também, uma das razões de ser tão difícil para certos segmentos da sociedade enxergar determinados grupos em outras posições que não sejam da violência imposta, da indignidade, do não direito ao lazer e ao turismo, da invisibilidade, da não intelectualidade ou da não valorização da sua força de trabalho. É o que a pesquisadora e professora Lindamir Salete Casagrande (2021), ao escrever para crianças e adolescentes sobre a história de Enedina Marques (mulher negra pioneira na engenharia brasileira), relata sobre a forma desrespeitosa com que a imprensa paranaense a tratou por ocasião da sua morte, em 1981.

Aliás: em toda sua vida Enedina teve de enfrentar preconceitos e discriminações de gênero e raça para conseguir viver dignamente em seu tempo. O que não é muito diferente de hoje (época da publicação deste texto) para determinados grupos sociais, apesar dos inúmeros

avanços percebidos na sociedade brasileira em comparação à época da vida e morte de Enedina. Passou-se pelo processo de redemocratização do país depois de uma ditadura civil-militar, a criação de nova moeda e um relativo período de estabilidade econômica, pela construção de políticas minimamente estruturadas social, educacional e economicamente, maior acesso de determinados segmentos às universidades públicas, institutos e centros tecnológicos, o reconhecimento de direitos e da dignidade humana em celebrar o amor, a saúde mental e o corpo (inclusive do ponto de vista jurídico e de saúde coletiva), dentre outras tantas conquistas realizadas, a partir das diversas lutas de movimentos sociais e morte de muitas pessoas militantes, registre-se.

Entretanto, como demonstrou Mills (2008) ao falar sobre a ignorância branca dentro do contexto estadunidense, mas que pode ser estabelecido um paralelo com a realidade latino-americana: se não existe o reconhecimento de privilégios estruturais e estruturantes em uma sociedade, especialmente no tocante a questões de raça, o que se tem é uma não efetivação das noções de igualdade de direitos e deveres no cotidiano das relações, que beneficiaria inclusive toda a sociedade, não apenas segmentos violentados cotidianamente. Urge entender como discursos negacionistas, extremistas e aniquiladores das diferenças ganharam tanta força nas últimas décadas, produzindo uma escalada de horrores e a maior banalização da violência. Esses discursos, ademais, instigam pessoas comuns a cometer atos de violência em todos os níveis.

Basta pensar no modo como a Pandemia Covid-19 foi conduzida por certos governos. Ou como a proliferação das notícias falsas produziram mais problemas na sociedade, tal como debatido brevemente no trabalho de Ferreira (2021). Ou da espetacularização e banalização das mortes de pessoas negras, reproduzindo táticas de

aniquilamento por câmara de gás⁶. Ou ainda do fetiche de boa parte da sociedade brasileira em saber sobre a mulher da casa abandonada⁷, mas que pouco quer discutir sobre trabalho escravo, privilégios, desigualdades e, principalmente, racismo e sexismo no país.

Diante das breves considerações costuradas ao longo de todo o texto, se a liberdade de viajar remete a pensar nas prosas e poesias da existência e vivência humana, então é preciso colocar em debate para quem, como, onde e quando essa prosa e poesia estão reservadas no cotidiano. Talvez por isto a pergunta posta, no fim da década de 1990, pelo professor e pesquisador britânico Colin Michael Hall (2001, p. 86) em seu livro *Planejamento Turístico: políticas, processos e relacionamentos*, ainda seja tão atual, ao se pensar em liberdade para viajar: “que mundo queremos ou somos capazes de construir por intermédio do turismo?”.

Que Eu Deveria Estar Aqui? Breves Apontamentos Sobre os Currículos Analisados

Quinze foram as universidades públicas, encontradas no levantamento realizado em julho de 2022 pelos autores deste texto junto ao Portal E-Mec, que oferecem dezessete cursos de turismo (em funcionamento) nos três estados da Região Sul brasileira, adjunto ao Estado de Mato Grosso.

⁶ Genivaldo de Jesus Santos, 38 anos, brutalmente assassinado em 25 de maio de 2022. Notícia: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2022/05/policia-rodoviaria-federal-camara-de-gas-camburao-mata-homem-negro/>

⁷ O Jornalista Chico Felitti, em entrevista à jornalista Rebeca Oliveira (2022), não poderia dar melhor descrição sobre o podcast realizado em 2022 para a Folha de São Paulo, sobre Margarida Bonetti: é um retrato de uma sociedade que tem curiosidade em saber dessa mulher, mas que se recusa a discutir seus privilégios e perversidades de classe, gênero e raça. Acesso: <https://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/2022/07/e-um-retrato-do-brasil-diz-chico-felitti-sobre-podcast-a-mulher-da-casa-abandonada.shtml>

A Universidade Federal do Paraná (UFPR) e a Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), oferecem o curso de turismo em cidades diferentes: a UFPR em Curitiba e Matinhos e a UNESPAR em Apucarana e Campo Mourão. As demais universidades possuem apenas um curso de turismo em funcionamento. Com relação a natureza dessas quinze universidades públicas: nove são instituições federais, cinco estaduais e uma regional/municipal, a Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB). Quanto às modalidades dos cursos, onze são de habilitação para bacharéis e bacharelas em turismo e seis para tecnólogos e tecnólogas.

O quadro a seguir apresenta as respectivas informações gerais

Quadro 1 – Caracterização das universidades levantadas para este estudo

Universidade	Sigla	Locais	Modalidade do Curso
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso	IFMT	Cuiabá – MT	Bacharelado
Universidade do Estado de Mato Grosso Carlos Alberto Reyes Maldonado	UNEMAT	Nova Xavantina – MT	Bacharelado
Universidade Federal do Paraná	UFPR	Curitiba e Matinhos – PR	Bacharelado e Tecnológico
Universidade Estadual de Ponta Grossa	UEPG	Ponta Grossa – PR	Bacharelado
Universidade Estadual do Centro Oeste	UNICENTRO	Irati – PR	Bacharelado
Universidade Estadual do Oeste do Paraná	UNIOESTE	Foz do Iguaçu – PR	Bacharelado

Universidade Estadual do Paraná	UNESPAR	Apucarana e Campo Mourão – PR	Bacharelado
Fundação Universidade Regional de Blumenau	FURB	Blumenau – SC	Bacharelado
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina	IFSC	Florianópolis – SC	Tecnológico
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense	IF Catarinense	Sombrio – SC	Tecnológico
Fundação Universidade Federal do Rio Grande	FURG	Santa Vitória do Palmar – RS	Bacharelado
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha	IF Farroupilha	São Borja – RS	Tecnológico
Universidade Federal de Pelotas	UFPEL	Pelotas – RS	Bacharelado
Universidade Federal do Pampa	UNIPAMPA	Jaguarão – RS	Tecnológico
Universidade Federal de Santa Maria	UFSM	Santa Maria – RS	Tecnológico

Fonte: Autoria própria (2022), com base em levantamento realizado no Portal E-Mec e páginas das universidades.

Em breve análise das respectivas matrizes curriculares e ementas das disciplinas, de cada um dos 17 cursos de turismo, constatou-se que em 12 existe a disciplina de ética. Nos outros cinco cursos onde inexistente a disciplina, foi observado que as discussões sobre ética estão diluídas nas demais disciplinas dos cursos. Entretanto, a constatação de que as disciplinas, quase que em sua totalidade,

priorizam mais a ética profissional e os seus respectivos códigos, corroboram com as críticas realizadas nos textos de Castañeda (2012) e Oliveira (2021b) acerca do caráter neoliberal e individualizante da ética e moral estudada no turismo, em detrimento das suas relações cotidianas com os demais agentes envolvidos na atividade: a comunidade, os espaços, as instituições e os consumidores. Isso pode explicar, a partir dos estudos de Castañeda (2012) e, principalmente de Oliveira (2021b), as dificuldades de estudantes e egressos em definir e aplicar ética em suas vidas.

Quando se observou a respeito de discussões sobre direitos humanos e/ou direitos humanos aplicados ao turismo, a situação é um pouco mais complexa: apenas quatro cursos possuem essas discussões presentes em seus ementários (UNICENTRO, FURB, UFSM e UFPEL) de modo explícito, seja na disciplina de ética, legislação ou em outras. Nos demais cursos, as discussões podem ser associadas indiretamente aos conteúdos presentes nas ementas, desde que quem ministra as disciplinas possua sensibilidade aos temas de direitos humanos. O que, certamente, suscita outras pesquisas acerca dos atravessamentos dos direitos humanos, a formação desses professores com relação a temática, o lazer enquanto um direito legal previsto na Constituição Brasileira e porque é pouco mencionado, explicitamente, nos currículos dos cursos em turismo. É sempre bom recordar que turismo é um direito social, ainda que circunscrito em um espectro capitalista.

Finalmente, com relação a disciplinas que abordam questões étnico raciais e/ou questões de gênero em suas ementas, apenas três universidades oferecem disciplinas específicas, todas optativas: FURG e UFSM, no Rio Grande do Sul, e FURB, no Estado de Santa Catarina, esta última sendo também a única que consta em sua ementa discussões que versam sobre gênero. E, neste sentido, as

pesquisas de Gabrielli (2021), Ferreira e Casagrande (2020) e Oliveira (2021a), são exemplos de como essas questões ainda são pouco discutidas nas formações acadêmicas e/ou são relegadas em um plano secundário. Ou seja: a ignorância frente a questões de gênero e raça debatida por Mills (2008) e Ferreira (2021) em seus trabalhos, certamente influenciará a atuação cidadã e profissional dos futuros/as egressos/as em turismo.

É importante mencionar aqui que no curso de turismo do IFMT, em Cuiabá, embora exista uma disciplina intitulada sociologia do trabalho e gênero, observou-se que na bibliografia registrada no documento consultado não eram mencionadas referências acerca desse campo de estudo e, por isso, não foi considerado para este trabalho. Do mesmo modo, é preciso registrar que o curso de turismo da UNESPAR, do Campus da cidade de Apucarana, possui em duas disciplinas optativas do campo da antropologia e cultura, menção específica à memória das manifestações culturais africanas e afro-brasileiras.

Neste sentido, a pergunta que intitula esta seção, assim como as breves considerações registradas, não apenas destaca a necessidade de uma maior presença desses temas na formação acadêmica de estudantes dos cursos de turismo. Mas como se dá, também, essa formação cidadã e profissional nas universidades. Pois a liberdade de viajar perpassa, também, pelo reconhecimento de que mulheres e pessoas negras desejam consumir dignamente o turismo sem serem violentados/as em sua dignidade e humanidade.

Se Tropeço, Não Caio: Considerações Finais?

Este texto procurou, ainda que parcialmente e com algumas arestas, discutir criticamente como se dá (ou não) a liberdade para

vivenciar o turismo, partindo de aportes teóricos sobre a ignorância enquanto uma teoria social.

Os aportes teóricos e os exemplos apresentados atestam que a liberdade para se vivenciar o turismo se dá no momento em que a sociedade e seus diversos agentes respeitam as diferenças e radicalizam a prosa e a poesia para toda ela, não apenas para o viajante. Turismo precisa ser bom para toda a comunidade e, se existem pessoas que são impedidas de viajar e experienciá-lo, especialmente em virtude de cruzamentos de raça, gênero e classe social, se está violando um direito social que está previsto, inclusive, na Constituição Federal, em seu sexto artigo.

Por outro lado, de nada adianta se ter o direito ao lazer assegurado na Carta Magna Brasileira se inexistente o reconhecimento histórico de privilégios raciais (e mesmo de gênero), prejudicando o usufruto deste direito por toda a sociedade brasileira. Os conceitos de ignorância branca de Mills (2008) e de *Àimòtologia*, de Ferreira (2021) demonstraram, ainda que brevemente, sobre isto e podem suscitar outros trabalhos mais aprofundados.

As breves análises realizadas, nas ementas dos 17 cursos de turismo dos três Estados da Região Sul e do Estado de Mato Grosso, além de provocar novas inquietações de pesquisas, registram a necessidade de uma maior inserção de questões de gênero e raça na formação desses estudantes. De modo que sejam efetivamente postos em debate a pouca valorização de determinados grupos sociais nas relações de trabalho no turismo, conforme os estudos de Ferreira e Casagrande (2020), Oliveira (2021a) e, especialmente, o de Gabrielli (2021) demonstraram, este último acerca da condição das mulheres no mercado turismo e como o cuidado do lar e dependentes, histórica e socialmente imposto à elas na maioria das sociedades, influencia em sua remuneração/alcance de postos de trabalho de destaque.

Finalmente: a liberdade para viajar remete ter a coragem de questionar, efetivamente, a que custos as sociedades são formadas e não abrem mão de seus privilégios, propondo, inclusive, outras relações de emprego, de ensino, de currículo e disciplinas abordadas nas universidades, de produção de teorias e outros modos de ver o próprio turismo nesta lógica capitalista, demonstrado pelos textos de Oliveira (2021b) e Castañeda (2012). Isso perpassa, também e para além de questionar/propor outros sistemas, deixar de reproduzir estereótipos afetivos, cognitivos e morais para quem trabalha com o turismo e quem viaja, mas não é visto(a)/respeitado(a) enquanto viajante, apontamentos realizados nos textos de Gabrielli (2021), Oliveira (2021a) e Piscitelli (2017).

Referências

BASTOS, João Augusto de Souza Leão de Almeida. A imaterialidade da tecnologia. In: SILVA, Maclovia Corrêa da (org.). **Conversando com a tecnologia**: contribuições de João Augusto Bastos para a educação tecnológica. Curitiba: Editora UTFPR, 2015a, p. 17-52.

BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Constituição dos Estados Unidos do Brasil**, de 10 de novembro de 1937. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao37.htm Acesso em: 21 jul. 2022.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Covid-19 no Brasil**. Disponível em: https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html . Acesso em: 21 jul. 2022.

CASAGRANDE, Lindamir Salete. **Enedina Marques**: mulher negra pioneira na engenharia brasileira. Curitiba: Editora Inverso, 2021.

CASTAÑEDA, Quetzil. The neo-liberal imperative of tourism: rights and legitimization in the UNWTO global code of ethics for tourism. **Practicing Antropology**. V. 34, n. 3, 2012, p. 47-51. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/24781886>. Acesso em: 12 jul. 2022.

DIÁRIO DO TURISMO. **Segundo o WTTC, o Setor de viagens e turismo no Brasil gerará mais de 1,8 milhão de novos empregos nos próximos anos**. [31 maio 2022]. Disponível em: <https://diariodoturismo.com.br/segundo-o-wttc-o-setor-de-viagens-e-turismo-no-brasil-gerara-mais-de-18-milhao-de-novos-empregos-nos-proximos-anos/> Acesso em: 21 jul. 2022.

FEENBERG, Andrew. Racionalização Subversiva: Tecnologia, Poder e Democracia. In: NEDER, Ricardo. T. (org.) **A teoria crítica de Andrew Feenberg**: racionalização democrática, poder e tecnologia. Brasília: Observatório do Movimento pela Tecnologia Social na América Latina / CDS / UnB / Capes, 2010, 1995a, p. 67-95. Disponível em: <https://www.sfu.ca/~andrewf/coletanea.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2021.

FEENBERG, Andrew. Do essencialismo ao construtivismo: a filosofia da tecnologia em uma encruzilhada. In: NEDER, Ricardo T. (org.) **A teoria crítica de Andrew Feenberg**: racionalização democrática, poder e tecnologia. Brasília: Observatório do Movimento pela Tecnologia Social na América Latina / CDS / UnB / Capes, 2010, 1995b, p. 205-251. Disponível em: <https://www.sfu.ca/~andrewf/coletanea.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2021.

FERREIRA, Michel Alves; CASAGRANDE, Lindamir Salete. Movimentos, tecnologia e pessoas negras: é possível um outro turismo? **Revista de Turismo Contemporâneo**, Natal, v.8, n.01, p.149-167, abr. 2020

FERREIRA, Michel Alves. **CR-5 é possível um outro turismo?** Disponível em: <https://www.campuscomum.org/outroturismo>. Acesso em: 21 jul. 2022.

FERREIRA, Michel Alves. **Que Verdades Podem Nos Fazer Livres? Desvelando Discursos Àimòtológicos De Gênero E Raça Nos Espaços Das Universidades**. 2021. 246f. Tese (Doutorado em tecnologia e sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

GABRIELLI, Cassiana. Mulheres no mercado turístico brasileiro: reflexões e perspectivas à luz dos estudos de gênero. **Rosa dos Ventos: turismo e hospitalidade**. Caxias do Sul, v. 13, n. 4, p. 1049-1069, 2021, DOI <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v13i4p1068>.

HALL, Collin Michael. **Planejamento turístico: políticas, processos e relacionamentos**. São Paulo: Contexto, 2001.

ISUPERIO, Antonio. Vagas para humanos [13 jul. 2021]. In: LinkedIn. Disponível em: https://www.linkedin.com/posts/isuperio_vagas-para-humanos-ft-tha%C3%ADs-helena-tavernaro-activity-6822927203769040896-uKr9/. Acesso em: 21 jul. 2022.

MILLS, Charles Wade. White ignorance. In.: PROCTOR, Robert. N; SCHIEBINGER, Londa. (Eds.). **Agnotology: the making and**

unmaking of ignorance. Palo Alto: Stanford University Press, 2008, p. 230-249.

MOESCH, Marutschka Martini. **A produção do saber turístico**. 2 Ed. São Paulo: Contexto, 2002.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

OLIVEIRA, Natália Araújo de. Negros e turismo: análise da produção acadêmica sobre o tema em revistas vinculadas aos programas de pós-graduação em turismo no Brasil. **Rosa dos Ventos: turismo e hospitalidade**. Caxias do Sul, v. 13, n. 1, p. 219-238, 2021a, DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v13i1p219>

OLIVEIRA, Natália Araújo de. Ética e turismo: representações sociais de estudantes de um curso superior do Sul do Brasil. **Revista Latino-Americana de Turismologia/Relat.** Juiz de Fora, v. 7, n. único, p. 1-18, jan./dez. 2021b.

OLIVEIRA, Rebeca. **'É um retrato do Brasil', diz Chico Felitti sobre podcast A Mulher da Casa Abandonada**: Jornalista conversa sobre série em live com assinantes da Folha. [20 jul. 2022]. Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/2022/07/e-um-retrato-do-brasil-diz-chico-felitti-sobre-podcast-a-mulher-da-casa-abandonada.shtml>. Acesso em: 21 jul. 2022.

PISCITELLI, Adriana. “#queroviajarsozinhasemmedo”: novos registros das articulações entre gênero, sexualidade e violência no Brasil. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 50, e175008, 2017. Acesso em: 21 jul.2022. Epub06-jul2017. <http://dx.doi.org/10.1590/18094449201700500008>.

REDE BRASIL ATUAL. **Polícia Rodoviária Federal faz ‘câmara de gás’ em camburão e mata homem negro** - Vítima foi abordada em rodovia por agentes e, segundo parentes, tinha transtorno mental. Família cobra investigação e polícia diz que homem precisou ser contido após reação. Em protesto, manifestantes bloqueiam rodovia. [26 maio 2022]. Disponível em:
<https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2022/05/policia-rodoviaria-federal-camara-de-gas-camburao-mata-homem-negro/> .
Acesso em: 21 jul. 2022.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1996.

WORLD TRAVEL & TOURISM COUNCIL - WTTC.
Economic impact reports. Disponível em:
<https://wttc.org/Research/Economic-Impact> Acesso em: 21 jul. 2022.